

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, FEVEREIRO/2000- ANO IV - Nº 37

EDITORIAL

Com esta edição, “O ESTAFETA” entra em seu quarto ano de circulação. Consolida-se como órgão informativo da Fundação Christiano Rosa. Sem nenhuma pretensão, acreditamos estar cumprindo os objetivos a que se propôs, ou seja, colaborar com a formação cultural de nossa comunidade, estimulando o exercício da cidadania. Conta, para isso, com uma gama de articulistas, todos idealistas, que acreditam no potencial de nossa população e no futuro promissor de nosso município.

O acesso à educação e à cultura é direito de todos, pois concorre para o desenvolvimento integral das pessoas e da sociedade. Daí a importância de se construir o conhecimento a partir de nossa realidade, ou seja, de Piquete. Assim, o “ESTAFETA”, mensalmente, traz aos nossos leitores textos que resgatam nossa história, valorizam nosso patrimônio histórico-arquitetônico-ambiental, a Literatura, a Ecologia, a Política etc. Busca-se, com esses artigos, formar a consciência crítica, provocando questionamentos e reflexões sobre nosso passado histórico, analisando nosso presente e propondo alternativas de soluções para o futuro. Educa-se para a cidadania.

Durante o ano, o “ESTAFETA” divulgou os diversos trabalhos da FCR. Parcerias foram e estão sendo feitas, procurando, assim, democraticamente, abrir espaços para todos que queiram se juntar a nós nessa cruzada cívica. Dia a dia, a FCR vem se consolidando, alcançando suas metas, à medida que o principal público alvo de suas promoções – a população estudantil de Piquete – tem participado de suas diversos eventos. É nele que depositamos todas as esperanças de um futuro melhor para nossa cidade, uma vez que o cidadão crítico e participante saberá apontar erros, propor soluções (o que lhe é de direito), interferindo nos diversos segmentos da nossa sociedade, adotando atitudes de solidariedade, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito.

No ano de 1999, a FCR foi premiada com a Distinção Cultural “Paulo Camilher Florençano”, prêmio concedido pelo Instituto de Estudos Valeparaibanos, pela acentuada contribuição à memória regional. O “ESTAFETA”, veículo de divulgação da FCR, foi um dos responsáveis pelo recebimento de tão importante premiação.



Carnaval! Foliões em frente ao Grêmio General Carneiro - década de 60.

Foto arquivo Pro-Memória

Educar para a cidadania

Teve início, na segunda semana de fevereiro, mais um ano letivo na rede estadual de ensino e, com ele, veio também aquela inquietação antiga que os educadores bem conhecem nessa época, que é a de como conduzir adequadamente uma sala de aula.

Ao planejar o trabalho escolar, o professor deve sempre ter em mente que o eixo vertebrador dessa educação é a cidadania.

Educar é ter o compromisso não somente de transmitir informações específicas dos componentes curriculares, como o de também formar um indivíduo, colocá-lo frente à realidade social, aos seus direitos e responsabilidades em relação à sua vida pessoal e coletiva, para que ele possa, enfim, ter uma participação social efetiva.

Ao eleger os conteúdos, o professor deve incluir questões que possibilitem ao aluno a compreensão e a crítica da realidade, não os tratando como dados abstratos que devem ser aprendidos para “passar de ano”, mas sim como uma oportunidade de se apropriar deles como instrumentos para refletir e mudar sua própria vida.

Educar para a cidadania traz um envolvimento maior por parte dos educadores, no trabalho escolar. Em Piquete, esse professor terá um trabalho muito maior, visto que esse alunado traz consigo um imenso rebaixamento na sua auto-estima, comprometendo, assim, a qualidade do ensino oferecido.

Vindo em grande parte de lares

desajustados, por problemas sócio-econômicos, nossos alunos, na grande maioria, são apáticos e desinteressados em progredir. Não sonham com um futuro melhor que o dos seus pais e acabam por repetir os mesmos valores recebidos. Desacreditados da educação oferecida na escola e no lar, esses jovens passam a procurar na bebida e no sexo promíscuo uma maneira de serem menos infelizes.

Levando em conta que a sociedade é potencialmente transformável pela “ação social”, está aí a justificativa de que o professor precisa para planejar um trabalho escolar calcado na prática da cidadania.

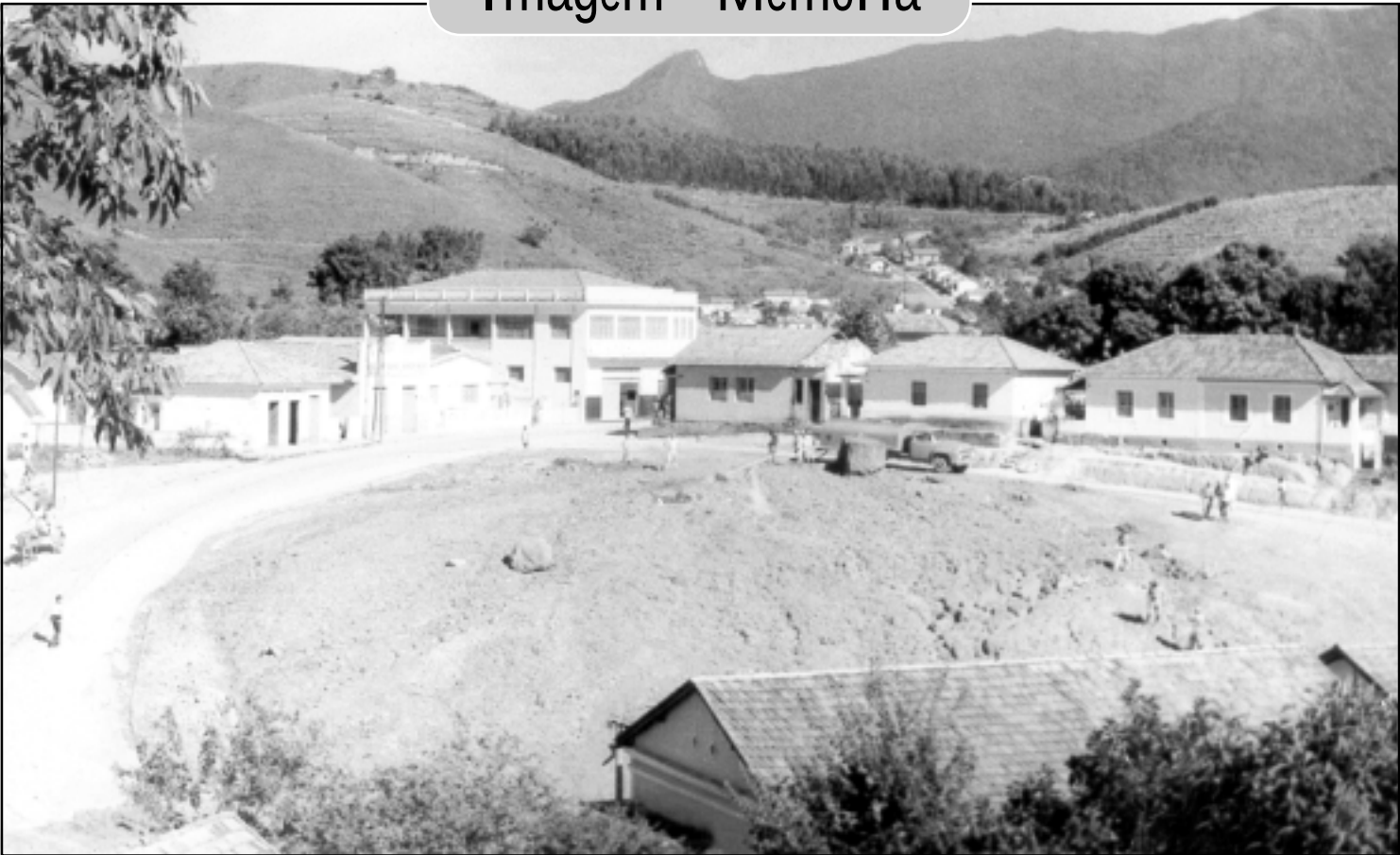
Transformar este triste quadro é o grande compromisso que os professores de Piquete têm para com a educação. Fingir que não enxergam a realidade atual é o que muitos educadores fazem para não se comprometer.

É preciso buscar parcerias com entidades, universidades e empresas que venham beneficiar os alunos.

A escola sozinha não muda a sociedade, é verdade, mas juntamente com outros segmentos sociais é capaz de ser um espaço de transformação. Também a participação dos pais, no dia-a-dia da escola e de seus filhos, é imprescindível.

Através de uma escola eficiente, a nossa cidade, tão bela, só tem a ganhar com a presença de cidadãos efetivamente participantes.

Imagem - Memória



Desmorte do Morro da Miquelina. Foto tirada por Dogmar Brasilino, em abril de 1962.

Morro da Miquelina

Após muitos anos de expectativas, no mês de abril de 1962, teve início o processo de desmorte do conhecido “morro da Miquelina”.

O prefeito Sr. Luiz Vieira Soares comandou os servidores municipais num trabalho gigantesco. Embora contando com o apoio do Corpo de Bombeiros da F.P.V., comandado pelo Cap. Bartholomeu, não se pode negar o excelente trabalho do pessoal da Prefeitura.

Eles permaneceram quarenta e cinco dias encharcados e enlameados, cavando profundos cachimbos que facilitavam o solapamento pelos jatos de água dos bombeiros; tombavam, com alavancas, grandes blocos de terra e despeça-

vam-nos com enxadões, para facilitar seu encaminhamento ao bueiro que conduzia a lama para o córrego próximo. Todos os encômos para eles.

O chamado “morro da Miquelina”, por essa época, nada mais era do que um pequeno terreno, praticamente um triângulo, formado pelas ruas Álvaro Guião (atual Zequinha Meirelles), Américo Brasiliense e Avenida Luiz Arantes Júnior, remanescente da antiga “Chácara do Batista”, da qual originou-se o bairro da Raia.

E quem era Dona Miquelina? Uma pessoa humilde, hábitos simplórios, de uns sessenta anos e muita querida por todos. Possuía uma vitalidade de jovem,

provavelmente por descer e subir uma escadaria com muitos degraus, com lanços de madeira entre os patamares, pela qual se chegava a uma pequenina casa muito simples, de reboco falhado, fogão a lenha e água de poço... Ali morava Dona Miquelina. Tão estimada e conhecida, que seu nome passou a denominar a elevação em cujo topo encontrava-se sua casinha.

Sem sombra de dúvidas, o desmorte do morro veio dar uma nova visão à cidade. O horrendo morro, equiparado por um cidadão a “um furúnculo no rosto de uma bela moça”, aos poucos foi desaparecendo e uma nova paisagem ali nascia, e hoje temos no local a bela Praça Nove de Julho. **Edival da Silva Castro**

Detalhe da foto acima, em que se pode ver o carro do corpo de bombeiros da F.P.V.



O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Dóli

Às 15 horas do dia 25 de janeiro, data em que se comemora o aniversário de fundação da cidade de São Paulo, aconteceu, no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), a posse de seus novos sócios titulares. Entre os eleitos empossados por essa prestigiosa e centenária entidade cultural encontrava-se a piquetense Dóli de Castro Ferreira.

A belíssima e solene cerimônia contou com a presença de representantes de diversas entidades culturais e centros de pesquisa, universidades, secretários de governo e sociedade civil, e foi presidida por seu presidente Roberto Machado Carvalho.

A merecida eleição da professora Dóli para o IHGSP deveu-se à erudição e seriedade intelectual com que trata seus trabalhos e estudos.

Iniciou seus estudos em Piquete: foi aluna da 1ª turma do ginásio da F.P.V. (1949) e da 1ª turma da Escola Normal "Duque de Caxias" (1952).

Educadora nata, licenciada em Geografia e História pela USP, foi professora efetiva da Rede Estadual de Ensino, em Pederneiras, Botucatu e São Paulo. Aposentou-se como professora do Colégio Bandeirantes, um dos mais conceituados da capital paulista.

Seus textos têm sido publicados em jornais e revistas. Colabora com a imprensa piquetense desde os anos cinquenta, quando ainda universitária: trabalho iniciado com "O Labor", seguido por "O Regente", "A Cidade", "O Sentinella", "Cidade Paisagem" e outros periódicos.

Filha de José de Castro Ferreira e Georgina Oliveira Ferreira, Dóli descende, pelo lado paterno, do Capitão-Mor de Lorena, Manuel Pereira de Castro, tronco de uma das mais antigas famílias da região. Isto concorreu para que, nos últimos anos, se dedicasse ao resgate e divulgação da



História de Piquete, que, enevoadá, precisa ser metodicamente levantada e escrita. Assim, exaustivamente, tem freqüentado diversos arquivos oficiais atrás de nosso passado histórico.

Quando de sua posse no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em seu breve discurso, emocionada, falou da honra por fazer parte dessa instituição e anunciou o seu Patrono: o também piquetense Paulo Pereira dos Reis, um dos mais destacados e respeitados pesquisadores valeparaibanos. Em sessão a ser brevemente marcada no IGHSP, a professora fará o elogio ao seu Patrono.

Além de suas qualidades de estudiosa, Dóli é pessoa amável, de simplicidade contagiante e com grande facilidade para granjear amigos. A Fundação Christiano Rosa, que tem o privilégio de contar com a colaboração da professora Dóli na sua Comissão de História, parabeniza-a pelo mérito.

Ao centro, a Profa. Dóli e o presidente do IHGSP, Roberto Machado Carvalho, ladeados pelos primos Chico Máximo e José Armando mais esposa e o Sr. Wanderley Sardinha, no dia 25-01-2000.



Foto arquivo Pro-Memória

Belo banho, hein!

"Menino você está demorando demais nesse banho". Essa frase é tão comum. Preocupados com seus bolsos, é comum os pais dispararem contra os filhos as mais diversas pragas: "Você vai encolher, derreter, "engruvinhar"", e por aí vai. Nesses tempos de carestia, nada melhor que economizar algumas patacas com a tão famigerada conta de energia elétrica. Mas a verdade vai além dos meros sentimentos econômicos. Em primeiro lugar, não há como negar que banhos demorados custam pequenas fortunas em energia elétrica. Entretanto, existem outros fatores envolvidos, todos eles de conotação ecológica. Por problemas diversos, a água que chega até nossa casa vem por um único cano. Este traz água tratada, ou pelo menos assim deveria ser, até nossas torneiras e caixas d'água. Mas essa água não deveria ser usada para banho, pois ela é acrescida de cloro, flúor e outros produtos químicos, a fim de torná-la própria para consumo humano. Gasta-se dinheiro tratando dessa água e a jogamos pelos ralos dos banheiros e pelas descargas dos vasos. Muitos abrem as torneiras das mangueiras e estas jorram desmedidamente para lavar calçadas e carros. Como se tudo isso não bastasse, a energia elétrica que aquece a água em nossos chuveiros nasce da força das águas das grandes represas. Quando ligamos algum aparelho elétrico, o gerador de energia na usina hidrelétrica fica pesado e tende a rodar mais devagar. Para compensar esse aumento de demanda, as comportas são abertas e aumenta-se o fluxo de água que passa pelas turbinas. Com isso, o nível dos reservatórios baixa e gasta-se muita água. Enquanto as autoridades que dirigem nosso mundo não voltarem suas atenções aos problemas ecológicos causados pelo consumo de energia, temos que economizar. Em nossa cidade, a água é paga de maneira igual pelos cidadãos. Quem gasta 1.000l por dia, paga tanto quanto quem gasta 10.000l. Não é justa essa cobrança. A situação dos encanamentos é crítica, existem mais emendas que canos, a água vaza e é contaminada até chegar à sua torneira. Pior é a situação da manutenção: falta dinheiro, falta pessoal e falta até interesse. Está na hora de resolver o problema. De enfrentar o assunto. A solução pode estar na implantação de um Serviço (autônomo?) de Água e Esgoto. Colocação de hidrômetros nas casas, para que cada um pague de acordo com o que gasta. Assim, haveria dinheiro para manutenção, salários e melhoria na rede de abastecimento da cidade. Fique de olho e não seja omissor, as eleições estão aí. Não se engane com promessas baratas. Água limpa requer investimento. **Luiz Flávio Rodrigues**

Memorial de Natais

Mudei eu e mudou o Natal, velho amigo! Gostaria de tê-lo ainda como nos tempos do catecismo da Matriz de São Miguel, a das torres redondas e corpo de caixote.

Nela, a emoção do pequeno e singelo presépio e das figuras principais, onde o Menino Jesus e os Reis Magos somente eram colocados no dia e hora certos.

E mais, a presença delicada e meiga de Dona Leonor Guimarães a comandar tudo com determinação. Nada melhor que a ansiedade da espera do nome proclamado da lista classificatória para escolher o presente e a torcida individual para chegar Àquele desejado, e lá exposto. E eu, jamais conseguia chegar ao Menino Jesus lá deitadinho, no seu melhor sorriso de criança loira, de olhos azuis e cabelo ondulado.

Outras meninas precediam-me e escolhiam-no. A minha mágoa crescia à frente dos demais brindes, brinquedos que não me interessavam tanto. A minha indecisão provocava estímulos das catequistas e eu lá, com a cabeça ativada, os miolos fervendo e a tristeza disfarçada em ansiedade... Uma vez, Dona Leonor, sempre atenta, entendeu minha angústia e deu-me um lindo Menino Jesus, que até hoje acompanha-me todos os dias. Já está marcado pelo tempo, sofreu avarias de pessoas apressadas na arrumação da casa, mas está lá como meu mais precioso bem. Seu sorriso está cada vez mais lindo e as mãozinhas abertas, voltadas para o alto, são o símbolo da partilha que a idade ensinou-me a reconhecer.

Quis e pude ver muitos natais pelo mundo. Compará-los, como representações, levou-me a diferentes pontos na rosa-dos-ventos.

Além das cidades brasileiras, das mostras das artes sacras dos museus, comecei pela Cidade do México, na Catedral no Zócalo, coração da urbe, e depois Xoximilco, bairro pobre e afastado da periferia. Contrastei as presenças e as cerimônias. No primeiro, a miscigenação nativa e espanhola, os ritos clássicos, o luxo, a tradição. No segundo, o povo pobre, os excluídos nativos morenos, índios, cabelos pretos e lisos, olhos firmes e desconfiados. Sorrisos contidos, famílias numerosas: escadinhas de crianças! Povo sofrido e

lutador. Nesse bairro, a pequena igreja branca estava toda arranjada de vibrantes flores vermelhas. Reconheci nestas o meu conhecido bico-de-papagaio, flor de inverno de planta arbustiva dos quintais e jardins de Piquete.

No México, o Natal é no inverno - o país posiciona-se no hemisfério norte.

A linguagem da missa era no idioma índio e espanhol, uma espécie de mistura difícil de entender. A gente que me cercava olhava-me com desdém. A pele clara é considerada gringa, desconfortável para pessoas morenas, pela consideração do invasivo dos do norte, donos do poder econômico. A impressão só é desfeita quando consigo falar identificando a nacionalidade. Afinal, brasileiros podem ser suportados... Razões...

Junto ao presépio, também as palomitas de diferentes artes, os brinquedinhos e a soma das referências da delicadeza infantil e ingênua. Palomitas são pombinhas.

Na Europa, os natais são comemorações acompanhadas de concertos sinfônicos e camerísticos nas igrejas monumentais. É oportunidade para ouvir bem executadas peças de Brahms, Litz, Mozart, Mahler, Beethoven e os clássicos medievais, anônimos ou não, das composições para conjuntos de câmara, com cravo, fagote, viola da gamba, flautas doces e transversais. Assim, pude deliciar-me em Viena, Budapeste, Munique, Frankfurt, Freiburg, Praga... Visitei países, ainda comunistas, com natais tão belos como tradicionalmente sempre foram. Igreja cheia em Budapeste: corais infantis maravilhosos nas soberbas escadarias do edifício do Parlamento, frente ao Danúbio... Meninos Jesus louros, bem europeus.

A missa na Sé de Lisboa, na vigência da Revolução dos Cravos, foi perturbada por exaltados socialistas a brandir porretes contra as vetustas portas, fechadas por medida de precaução. Sentíamos-nos ameaçados, mas o cardeal oficiante tentava manter a calma enquanto o coral das vozes educadas entoava salmos e loas ao Menino, que mais uma vez nascia, humano entre nós, em meio às palavras violentas que vinham de fora.

Na Nôtre Dame de Paris assisti à Missa

de Natal realizada em grande pompa dos sons do órgão majestoso e a magnificência dos instrumentos de cordas e sopros. Localizada próxima ao altar-mor, lembrava-me de Napoleão Bonaparte e a esposa Josefina fazendo-se coroar como imperadores dos franceses. Rezar em francês foi uma bela experiência. O povo lá estava em massa. Predominava a gente simples. Outros turistas ali se encontravam, curiosos e atentos.

Mas Nôtre Dame deve ser vista no silêncio e na ausência de tanta gente...

Terminada a missa já na madrugada, o metrô estava paralisado no horário habitual da 0h. Uma eficiente linha de ônibus o substituiu no mesmo trajeto e pontos. Coisas do chamado Primeiro Mundo. No dia seguinte, a Missa da Madeleine era freqüentada pela burguesia, mais bem vestida, as jóias esplendorosas, os anéis de brilhantes ofuscantes e as peles raras de animais rarificando-se...

Ah! E a neve? Meus natais com neve são de estimada recordação. Refaço seus percursos na brancura dos caminhos e consigo rever, da minha janela, as placas de gelo passando pela superfície do Danúbio de meu natal de Budapeste, ou sinto o frio úmido da garoa fina de Paris na madrugada calma, ou ouço o bimbalar dos sinos de tantas catedrais de sonhos nas cúpulas gélidas. Ressoam, indelévels, na minha memória.

O Natal em uma cidade precedia a ida para o Ano Novo de outra; de Paris para Londres, de Budapeste para Frankfurt, desta para Berlim, de Mérida, no México, para Yucatán, dos Maias: Mitla, Monte Albán Chichén-Itza, São Francisco na Califórnia, Lima e Cuzco no Peru... Cruzar, nos céus, os Alpes, os Andes, as Rochosas, os mares e os contornos continentais. E o Ano Novo na Madeira, ilha de meu avô, hotel do brasileiro Niemayer... Muitos fogos de artifício ao redor dos penhascos da ilha!

A grande festa do Sonabend, em Viena, na noite da passagem do ano no glorioso Teatro do Estado, com a Filarmônica sob a regência de Cláudio Abbado, o substituto do célebre Von Karayán da Filarmônica de Berlim. Os ingressos de venda antecipada com até um ano de antecedência. Somente consegui o meu por desistência de pessoa adoecida. Estava sendo discretamente oferecido junto à porta, já quase à hora da realização. Em minhas viagens consegui assistir a belíssimos espetáculos na busca desses expedientes, com muita ansiedade, circulação de adrenalina e digamos, sorte. Foi assim que consegui o meu Menino Jesus! Logo...

Mas em Viena, o concerto do dia seguinte, o do 1º do ano, é um acontecimento raríssimo - na Statsoper. Trata-se da execução, pela Sinfônica Nacional, das famosas polcas e valsas dos Strauss. Famosíssimas. Ouvi-as executadas sob a regência de Lorin Maazel. Só consegui lugar atrás, em pé, mas valeu e muito! Os salões eram decorados com raras flores naturais, olorosas, nos estonteando, conjugadas ao sabor dos finos champanhes servidos no salão da entrada, na temperatura exata. Ah! A Valsa dos Patinadores, do Imperador, do Danúbio Azul. Gloriosas!

Lá fora, entrevista pelos cristais das janelas, a neve, soberano manto branco!

Dóli de Castro Ferreira

Antiga Matriz de São Miguel: à esquerda, capela dedicada a São José.



Foto arquivo Pro-Memória

IHGSP, o que é?



Foto arquivo pessoal Prof. Dóli

Posse da Profa. Dóli, no Salão Nobre do IHGSP, como sócio titular, em 25-01-2000.

Dois piquetenses foram, até hoje, distinguidos com a honra de pertencer ao quadro de sócios titulares do tão renomado IHGSP: o primeiro foi o historiador Paulo Pereira dos Reis e, agora, a Profa. Dóli de Castro Ferreira.

Fundado em 1º de novembro de 1894, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo foi idealizado por Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho, Antônio de Toledo Piza e Estevão Leão Bourroul, em Assembléia realizada no salão nobre da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.



Foto arquivo Pro-Memória

A Profa. Dóli e seu primo Chico Máximo, representante da F.C.R.

Com seus cento e cinco anos de existência, o Instituto mantém o ideário de seus fundadores: o de promover o estudo e o desenvolvimento da História, Geografia e ciências correlatas, especialmente do Estado de São Paulo, assim como ocupar-se de questões e assuntos literários, artísticos e científicos que possam interessar ao país.

Atualmente, conta com 300 sócios entre titulares, honorários, beneméritos e correspondentes nacionais e estrangeiros.

Desde 1895 publica, anualmente, a “Revista do IHGSP”, em que se encon-



Foto arquivo pessoal Prof. Dóli

A Profa. Dóli discursa em sua posse no IHGSP, no dia 25-01-2000.

tram, além das atas das sessões e assembleias, os trabalhos escritos pelos sócios, historiadores, pesquisadores e diversas publicações especiais promovidas pelo Instituto. Ainda, um Boletim Informativo mensal sobre as suas atividades e mantém, como patrimônio cultural, uma biblioteca “Afonso E. Taunay”, Museu José Bonifácio, Hemeroteca Júlio Mesquita e Arquivo Histórico.

Localizado na rua Benjamin Constant, 158, em São Paulo, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo é patrimônio de todos os paulistas.

É Carnaval! Tem bloco de sujos no salão!

Carnaval? Nem pensar! Coisa do diabo, cruz credo, Ave Maria! Ver? Onde já se viu? Ouvir música carnavalesca? Que falta de bom gosto, de refinamento!! Bom e bonito é ouvir Beethoven, Chopin, o alegre Mozart, para enternecer os corações e sonhar com campos floridos, castelos distantes, príncipes e princesas. Aliás, samba, carnaval, futebol... tudo coisa de gente sem cultura. Mas a cidadezinha onde a menina morava não transpirava este tipo de coisas. E no carnaval, especialmente. O cheiro do lança-perfume, os confetes, as serpentinas, o ritmo alegre e bulçoso dos tambores lá no Clube, ou das latinhas tocadas na ruinha, as letras brincalhonas, o brilho das fantasias, as bocas exageradamente pintadas, os “sujos”, tudo aguçava o desejo dela de ver como é que era.

“Lá reina o pecado”, diziam as autoridades cristãs, apontando, dedo em riste, em direção do som vindo do Elefante Branco. “Que pena que não posso ir”, pensava resignada. “E se for, será pecado mortal? Ou venial?” Hoje, ela não sabe mais. O medo da represália, o medo do inferno falava mais alto. Aqueles diabos com garfos enormes, olhares maléficos, o fogaréu, dançava tudo na sua imaginação. O medo impede tanta coisa... Já menina-moça, uma prima lhe instigou: “Sai de sujo. Ninguém vai saber. A gente se arruma lá em casa”. E a mãe achou a idéia deliciosa! Ela, que desejava que os jovens aproveitassem o que a vida lhe negou. Prontas, rumaram para a pracinha do cinema. Que bom ver e participar daquela alegria, brincar com as pessoas, pular, sentir o susto gelado do lança-

perfume... e não ser reconhecida. Era o diabo mesmo! Todavia, rápido como um raio ele apareceu. O pai. Olhos chismando fúria, cólera, autoridade. Zás! Arrancou o pano esconde-cara (não era sequer uma máscara!), esbofeteou a sobrinha. Que corrida! Envergonhadas, sofridas, desmascaradas. E muito amedrontadas! A prima falou do direito que ele não tinha de lhe bater. Choraram juntas. A menina nem se lembra mais como foi voltar para casa.

Depois tudo mudou. Quantos carnavais pulados no General Carneiro e no Comercial. Carnaval de pura brincadeira

Matinê na Associação Comercial de Piquete



Foto arquivo Pro-Memória

e ingenuidade. Num deles, a empregada quis participar. Ela estava noiva, a dias do casamento. O noivo, um ex-coroinha, um ex-seminarista, ciumento e apavorado com a “homarada” que havia naquela casa e, por isto mesmo, vivia espianando a noiva lá da estrada para Itajubá, montado numa porteira. Foram todos a caráter. De “sujos”, para ela não ser reconhecida. Destino: General Carneiro. Sempre juntos, pulavam e dançavam. De vez em quando um levava um tombo. Pela força dos irmãos ao puxar o grupo na roda, ou maldosamente, dando ras-teiras. De repente o grito dela: “Pára! Pára! Perdi o sapato do Seu Paschoal!!” E foi um rebuliço em busca do pé sumido. Ela estava em desespero. “Como vou dar conta do pé de sapato?” Um sapatão 42 num pé 34! Resolvida a questão, a empregada e a moça da casa correram para o banheiro. Entraram juntas, fecharam a porta e tiraram as camisas do rosto. Riram tanto do acontecido e não perceberam a camisa da noiva caindo no vaso sanitário. Outro chororô. “E agora? Como vou sair daqui? Acabou o noivado. Adeus casamento!” Muito esperta, a moça descompromissada negociou a blusa debaixo de um calorento paletó de casimira inglesa em troca do casaco da empregada, mais leve. E voltaram à folia. Dias depois, o Santo Sacramento do matrimônio se realizou. A moça e o dono do sapato 42 foram os padrinhos. E viva o Carnaval!

Amélia Pascoal Campelo

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

Cinamomo

Para minha ex-aluna Evelize Maria Monteiro Chaves Reis

O cinamomo é uma árvore ornamental da família das meliáceas, de flores pequenas e aromáticas, com corola azulada ou rósea. Os gregos a chamavam de “kinnómamon”. Assimilada a palavra pelos romanos, estes passaram a denominar a árvore de “cinnamomu”.

O cinamomo é também conhecido como árvore-santa, jasmim-azul, jasmim-de-soldado, lilás-da-índia e lírio-da-índia.

Nada entendo de Botânica, senão contemplar as plantas, admirar o colorido das flores e aspirar-lhes o perfume. As informações acima, busquei-as no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda.

A primeira vez que topei com a palavra cinamomo foi ao travar contacto com a poesia simbolista de Alphonsus de Guimarens, mineiro de Ouro Preto e promotor na cidade de Mariana. A lembrança de sua prima e noiva, vítima da tuberculose – Constança -, morta aos 15 anos de idade, pura e virgem, suscitou-lhe os versos melancólicos do livro Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte:

*“Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia;
Dos laranjais não de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.”*

E por que todas estas considerações? Eis que chegou um meu amigo e disse, referindo-se a uma arvorezinha que viceja num pequeno terreno, em frente à minha casa: - “Olha um cinamomo! Que beleza!” Olhei para a arvorezinha, tenra nos galhos novos e nas folhas bem verdinhas e deixei escapar a minha dúvida. Ele, decididamente, procurou me convencer: disse-me ser conhecedor do cinamomo, árvore comum no Rio Grande do Sul, onde viveu alguns anos como militar. Sinceramente, continuo com a minha dúvida, pois nunca soube existir tal espécie de

árvore na nossa paisagem piquetense.

Como tudo é possível, talvez o vento tenha trazido de longe – Minas Gerais ou Rio de Janeiro – uma sementezinha, que aqui fez pouso, para o milagre da vida.

A nossa arvorezinha, na espontaneidade e no ímpeto do crescimento, é uma bela dádiva da terra. Lembra-me Rubem Braga, que se referiu como “um belo gesto da terra” a um pé de milho que nascera tímido e fraquinho, no seu quintal, na cidade do Rio de Janeiro, em um monte de adubo trazido pelo jardineiro. A plantinha tornou-se alvo de atenções e comentários. Cada amigo que chegava dava um palpite, contrariando o nosso cronista, que dizia tratar-se de um pezinho de milho. Um afirmava que era capim; outro, que era cana. O tempo deu razão ao cronista-poeta, que já havia transplantado aquela coisinha verde para o exíguo canteiro na frente da sua casa. Comovente sua alegria e emoção ao contemplar o pendão amarelado do pé de milho, “um pendão firme e vertical” acariciado pela brisa do mar.

A arvorezinha ao lado da minha garagem levará um bom tempo para confirmar a opinião do meu amigo Wanderley Sardinha ou para ratificar a minha dúvida. Tomara que o meu amigo esteja com razão e um dia eu possa contemplar o meu cinamomo crivado de flores, com sua sombra benfazeja. Creio que a primeira florada será um espetáculo de poesia, uma festa para os olhos e a sensibilidade.

Passei a observar a minha arvorezinha, como um pai que acompanha com carinho o crescimento de uma filha.

Elegante, tece segredos no silêncio e na descontração dos galhos. Afirma-se com força, mensageira de paz e equilíbrio – uma promessa e uma surpresa.

Crônicas Pitorescas

Faroeste na Câmara

Palmyro Masiero

No dia 23 de maio de 1936, tomaram posse de seus cargos as autoridades eleitas no ano anterior. A entrega do cargo foi feita pelo Sr. Salomão José Netto (que substituíra, em comissão, o Sr. Cidade Pfeil na Prefeitura local). Encontravam-se, ali, o Sr. Serafim Moreira de Andrade, eleito Prefeito por “votos de lideranças”, e os Vereadores Antônio Pelúcio, Agnaldo Pereira Leite, Benedito Alves Primo, Horácio Pereira Leite, José Monteiro de Brito Júnior, José Lúcio de Souza e José Edmundo Cidade Pfeil.

Na primeira sessão da Câmara, 29 de maio desse ano, foi eleito Presidente da Edilidade o Sr. Antônio Pelúcio. O problema maior da época, a água – e se nossas autoridades não tomarem maiores cuidados, logo será do nosso presente também –, fez com que os vereadores, mais prefeito, em 10 de julho, fossem ao “pé da Mantiqueira” verificar as possibilidades de aquisição do local das nascentes do precioso líquido para o abastecimento da cidade. Sessão “in loco”.

O assunto da água foi arrastando-se, pois de muitas outras coisas importantes ou mais prementes precisava a cidade, como matadouro municipal, o transporte de carne em carros apropriados, etc.

As sessões da Câmara eram realizadas no mesmo prédio da Prefeitura (mais antiga que a antiga, atual Museu Municipal), no período da tarde. Já em 1937, estando na Presidência da Casa o Sr. Pfeil, discutia-se, ainda, o problema da água. De seu gabinete, o Prefeito Serafim Moreira ouvia tudo o que se debatia no plenário.

A certo ponto da discussão, considerando um absurdo a exposição feita pelo Presidente da Câmara, o Sr. Moreira, indignado, levantou-se e violou a Sala da Câmara. Avançou contra o Vereador Pfeil, com jeitão de briga, mas foi impedido pela turma do “deixa disso”. Até revólveres foram sacados do coldre ou da cintura. Por sorte não foram acionados. Sessão interrompida, segundo o Presidente da Casa, pela impetuosidade do Prefeito ao interferir em outro poder.

Mas o melhor da história dessa tumultuada sessão viria depois: houve duas atas da mesma. Uma escrita pelo Secretário da Câmara, assinada pelo seu Presidente e mais dois Vereadores, e uma outra, surgida no dia seguinte, assinada por quatro edis.

Quem invadiu o recinto, à noite, para escrever a segunda? Somente evidências... Quem guardava as chaves do prédio?

A primeira ata diz que o Sr. Serafim invadiu o recinto armado de um punhal e tentou atacar o Presidente da Câmara. Na segunda, que o Sr. Serafim apenas queria explicar sobre o problema da água, e que, colocando a mão às costas do Sr. Pfeil, este reagiu ofensivamente, dando origem a todo o “bafafá”.

Enquanto discutiam sobre o assunto, apareceu no cenário nacional Getúlio Vargas, aquele baixinho bom de golpe, para solucionar o caso: instalou o Estado Novo, cassando as autoridades constituídas.

Todo mundo sem cargo, pra que brigar?



Exposição Fotográfica “Velhos Carnavais”

Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”

Data: de 26-02-2000 a 04-03-2000

Horário: das 15h às 21h

Na Fazenda Santa Lydia, um pouco da história do café



Fachadas frontal e lateral da Fazenda Santa Lydia, no Itabaquara, genuína representante de propriedade rural do ciclo do café, no século XIX, em Piquete. Foto de dezembro de 1999.

O café foi introduzido no Brasil no final do século XVII. Do Rio de Janeiro galgou a serra e chegou ao Vale do Paraíba. Para seu plantio procedeu-se à derrubada e queima da Mata Atlântica. Fazendas cafeeiras foram sucessivamente formadas, passando a colaborar com pequena percentagem em nossas exportações e fazendo a fortuna de muitos proprietários. Vencido o primeiro quartel do século XIX, a produção cafeeira no Brasil decolou, vindo ocupar, no curto espaço de dez anos (1830 – 1840), o primeiro lugar em nossas exportações. Inicialmente, o café no Vale do Paraíba Paulista foi plantado na margem direita do Paraíba e só mais tarde atravessou o rio, aproximando-se da Mantiqueira, em terras piquetenses.

Uma das poucas fazendas remanescentes desse período é a Santa Lydia, no bairro do Itabaquara, que, graças à iniciativa de João Carlos Marcuschi, seu atual proprietário, vem sendo recuperada.

Visitar a Santa Lydia é mergulhar a fundo na história do Brasil e voltar ao ciclo do café na região. É descobrir um pedaço da história econômico-social de Piquete e de pessoas que ajudaram a construir, com muito sacrifício, páginas de sofrimento, dor, trabalho, riqueza e ruína.

A partir de inventários existentes e diversos arquivos que trazem descrição minuciosa da propriedade, conhecemos seus antigos donos e a mudança de seu nome.

Fazenda Santa Lydia. Em primeiro plano, muro de taipa que cercava a propriedade, em 1974.



Formada nos anos 50 do século XIX, com o nome de “Fazenda do Ribeirão Vermelho”, pertenceu a Joaquim Vieira Teixeira Pinto. Mineiro de Itajubá, que em 1868 já residia nessa propriedade com sua mulher Anna Esméria Nogueira de Sá e numerosa escravaria necessária para cuidar dos cafezais. Joaquim Vieira, espírito empreendedor, foi chefe de real prestígio do Partido Conservador do antigo regime. Foi vereador e presidente da Câmara de Lorena, por várias legislaturas, a partir de 1872. Nesse ano, elaborou um “*Mappa Geographo do termo da Cidade de Lorena...*” com os esboços “... das cazas e de todos os fasendeiros e negociantes, rezidentes fora da povoação...”, dirigido ao Presidente da Província de São Paulo, Dr. Francisco Xavier Pinto Lima. Esse documento se encontra no Arquivo Público da Cidade de São Paulo (Cx. 308 de Lorena, ofícios diversos). No “esboço” de Joaquim Vieira Teixeira Pinto está assinalada a Capela de Piquete que se encontrava em construção, sendo seus zeladores, na época, o próprio Joaquim Vieira e o Tenente José Mariano Ribeiro da Silva (a capela foi elevada à Freguesia pela Lei nº 10 de 22 de março de 1875. O próprio Joaquim Vieira foi responsável pela comissão encarregada de traçar o perímetro da Freguesia). Nesse mapa tomamos ciência das principais propriedades de Piquete e aí está assinalada, na margem direita do alto curso

Casa de máquinas, vista do casarão da fazenda. Foto tirada em 1974.



do rio Itabaquara, a fazenda do “Ribeirão Vermelho”.

Em 1886, a fazenda continha “...trescentos alqueires de terras mais ou menos, dusentos e dezenove mil pés de café formados entre novos e velhos, casa assobradada de taipa para moradia, tulhas, porões, senzalas, moinho, terreiro de pedra, machinismo de beneficiar café, e todas as bemfeitorias...”.

O casarão, cheio de requinte, de beleza sóbria, era desprovido de luxo. As numerosas janelas dos grandes salões de festas, dos quartos e corredores abrem-se para a paisagem e de cada ângulo um olhar retrospectivo nos leva a viajar pelo plano da memória. Em suas paredes está guardada toda a suntuosidade de uma época, quando o dinheiro fácil, obtido com a mão-de-obra não remunerada, fazia a riqueza e a alegria dos senhores do café: grandes recepções e bailes. Casamentos, batizados, aniversários e saraus atraíam proprietários da região. Quando da visita de Pedro II a Lorena, em dezembro de 1886, seu proprietário, atendendo pedido da Câmara Municipal, alforriou “...uma escrava de nome Josepha, matriculada na Collectoria d’esta Cidade em 28 de agosto de 1882, sob o número dusentos e sete da matrícula geral, casada com o escravo Jerônimo...”, fazendo, assim, um agrado ao Imperador.

Com o 13 de Maio de 1888 e a libertação dos escravos, todo esse império ruuiu, a exemplo de outras propriedades da região. Faliram riquezas e famílias, que se viram à mercê de uma nova realidade, sem escravos, sem luxo e sem requinte. Tudo agravado, ainda, pelo esgotamento do solo provocado pelo desmatamento, queimadas e falta de conhecimento técnico de plantio.

Em 1891, a fazenda foi vendida a Antônio Mariano da Silva Bittencourt e sua esposa Lydia de Oliveira Bittencourt, passando, a partir de então, a chamar-se Santa Lydia.

Quem passa pela estrada do Itabaquara em direção à serra só vê vegetação rasteira e pastos, sem nenhuma plantação. Não consegue imaginar que no século passado, parte daqueles morros arredondados era coberta por extensos cafezais.

A Fazenda Santa Lydia é um legado arquitetônico, artístico e documental que vale a pena conhecer. **Antônio Carlos**

Vista, a partir da casa de máquinas, da Fazenda Santa Lydia. Foto tirada em 1974.



REDESCUBRA SUA CIDADE



Praça 9 de Julho, em fevereiro de 2000

Foto arquivo Pro-Memória

Praça 9 de Julho

Com o desmanche do “morro da Miquelina”, através da Lei Municipal nº 392, o Sr. Prefeito Luiz Vieira Soares denominou Praça 9 de Julho “a que deverá ser construída no terreno limitado pelas ruas Álvaro Guião, Américo Brasiense e Av. Luiz Arantes Júnior.”

A rua Álvaro Guião teve seu nome mudado para “Rua Zequinha Meirelles.”

No 71º aniversário de Piquete, foi lançada a pedra fundamental da Praça 9 de Julho. Foi deixado na mesma uma ata do fato, contendo as assinaturas dos presentes e as edições dos jornais A CIDA-DE e “O LABOR”, da F.P.V.

A Praça foi inaugurada pelo Prefeito Christiano Alves da Rosa e o Monumento à Bandeira nela construído foi doação do Rotary Club de Piquete à cidade.

9 de Julho

Essa data marca o início da Revolução Constitucionalista de 1932, estourada no

Estado de São Paulo contra o Governo Federal. Resultou da união do Partido Republicano Paulista e o Democrático, ambos reivindicando a imediata convocação da Assembléia Constituinte e o término do regime das intervenções federais. Com o apoio de todas as classes, mobilizaram-se os paulistas em manifestações populares, as quais, sendo rechaçadas pelos ditatoriais, causaram a morte de quatro estudantes – Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, cujas letras iniciais de seus nomes formaram a sigla MMDC, que aglutinou todos em torno da causa paulista.

Em 9 de Julho do mesmo ano, sob o comando dos Gen. Bertoldo Klinger e Euclides Figueiredo, as forças paulistas enfrentaram os federais numa guerra civil que durou uns três meses. Embora derrotado, o movimento paulista contribuiu para apressar a nova Constituição, promulgada em 1934.

Notas da Cidade

□ No dia 28-12-99, a Associação de Judô de Piquete realizou sua festa de confraternização. Durante o acontecimento foram homenageados os judocas que mais se destacaram durante o ano: Waldir Bittencourt de Oliveira Júnior, patrocinado pela Farmácia São Miguel e Fabiane Grazielle de Sales, patrocinada pela Farmácia Santa Rita. A AJP e seus atletas estão, como sempre, elevando o nome de Piquete. Parabéns!

□ Os grupos carnavalescos de Piquete estão preparando um grande carnaval para este ano. O “Unidos da Vila São José” sairá com o enredo “500 anos de Brasil”, que mostrará personagens de nossa História. O bloco “Império do Braz” espera contar com mais de 400 foliões na avenidas. Torcemos para que a folia seja grande e possa animar piquetenses e visitantes, elevando, assim, o Carnaval de Piquete.

□ O “bumba-meu-boi”, a mais antiga, espontânea e popular manifestação do Carnaval de Piquete continua presente com o trabalho das crianças, que vêm, ano a ano, mantendo essa tradição, cujos primeiros relatos, em nossa cidade, constam da década de 20. Prestigiemos e incentivemos.

□ A Profa. Betinha realizou, na sede da New Arts, no dia 11-02-2000, um recital de piano, com o tema “Bach, um gênio”. É Piquete revelando seus talentos. Parabéns!

□ Também na New Arts - Eventos e Promoções Artísticas, foi realizada uma reunião com as Sociedades Amigos de Bairro e outras entidades de Piquete, para uma discussão em torno de problemas de nossa cidade, com a apresentação de possíveis soluções. Iniciativas como essa é que promovem o progresso de Piquete e devem ser levadas em frente.

IMBEL - anjo ou demônio?

A economia aponta e a história registra que o desenvolvimento e o crescimento de uma cidade passam por ações empresariais nos setores da indústria, comércio, agropecuária e prestação de serviços. O sucesso ou fracasso dessas ações acaba por determinar o ritmo das cidades.

Em Piquete, a instalação de uma fábrica do Ministério do Exército, no início do século vinte, impôs um novo ritmo à cidade que, até aquele instante, curti uma agropecuária decadente e um tímido comércio. Essa fábrica de explosivos atraiu grande número de interessados, quando a população cresceu rapidamente, e problemas de moradia, saúde pública, escolas, rede elétrica, etc, eclodiram. Para suprir essas deficiências, a Fábrica Presidente Vargas passou a cumprir papel social, construindo escolas, posto de saúde, armazém de gêneros alimentícios e de material escolar, quadras de esporte e áreas de lazer e cultura, beneficiando em muito a população piquetense. Nossa Piquete passou a ser vista como referência na área de saúde e educação no Vale do Paraíba. No mínimo, três gerações e meia de piquetenses foram amparadas pela Fábrica Presidente Vargas.

Mas os tempos mudaram. A situação econômica e financeira do país ditava por novas regras e exigia grandes mudanças no modelo de gestão pública vigente. Assim, em 1977, é criada a IMBEL, cessando, dessa feita, a administração direta exercida pelo Ministério do Exército. No governo do Presidente Collor, a força das privatizações de empresas estatais é acelerada e o Governo Federal vai, de forma gradativa, se afastando de atividades de produção e prestação de serviços, e medidas de contenção de investimentos são determinadas assim como cortes em benefícios e custeio. Essas medidas afetam diretamente a IMBEL, que sente a necessidade de se modernizar, mas se vê impedida face a novos princípios legais fixados pelo Governo. Como uma freada brusca, a antiga FPV, experimenta forte solavanco e o anjo da guarda de Piquete se vê obrigado a fazer ajustes e, por razões de mercado, encolhimento da produção. Com isso, nossa Piquete entra em regime de emagrecimento e um demônio surge no cenário, apoiado no saudosismo dos velhos tempos em que as tetas do Governo a todos sustentavam.

Objetivando ficar restrita ao seu negócio, a IMBEL de Piquete doou extensas áreas ao município e transferiu sua sede administrativa de São Paulo para Piquete. As mudanças, ainda em curso, são necessárias e devem ter prosseguimento para que a IMBEL se revitalize e, dessa forma, dentro de um novo conceito empresarial, volte a irradiar benefícios a Piquete.

Ressalte-se que, mesmo enfrentando grandes dificuldades, a IMBEL-FPV encontra forças para preservar sua reserva florestal, considerada por ambientalistas um oásis de Mata Atlântica. A nova FPV-IMBEL deve ser vista tão somente como uma fábrica inserida em Piquete e essa deve ser a visão de nossa população que, em nome de gerações passadas, não deve endemoniar a IMBEL-FPV e sim torcer para que a mesma se revitalize e, dentro de princípios de modernidade administrativa e de produção, venha irradiar benefícios como o fez por quase um século

Celso Colombo